A ciência é um substantivo feminino? Projeto de colaboração internacional busca a resposta ao aprofundar-se sobre a desigualdade de gênero no ambiente científico.

As disparidades de gênero ainda limitam o progresso em ciência e tecnologia. Em entrevista, a líder do projeto internacional Gender STI no Brasil, profa. Janina Onuki, explica como a iniciativa trabalha para o entendimento e transformação desse cenário.

Ao pensar na palavra "cientista", o que vem à sua mente?

O estereótipo do homem de jaleco com certeza faz parte do imaginário de grande parte das pessoas e simboliza um problema crônico: a sub-representação das mulheres no campo da ciência, tecnologia, engenharia e matemática (*STEM*, na sigla em inglês) e nas posições de liderança.

Um consórcio internacional reúne pesquisadores de diversos países para debruçar-se sobre esse cenário: a desigualdade de gênero na área de Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I). O projeto Igualdade de Gênero nos Diálogos Bilaterais e Multilaterais de Ciência, Tecnologia e Inovação (GENDER STI) foi cofundado em 2020 por 18 instituições de 16 países diferentes, em uma colaboração internacional para analisar o problema e promover soluções comuns. Segundo a líder da participação brasileira no consórcio, a professora do departamento de Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) Janina Onuki: "Trata-se de um projeto de pesquisa que, além da produção científica, tem como objetivo colocar em discussão a inclusão do gênero como um aspecto importante nos processos de negociação de acordos internacionais de CT&I e contribuir com propostas de políticas para melhoria das instituições domésticas nesta área. Em geral, observam-se políticas de inclusão, mas não de ascensão a posições de liderança, o que coloca as mulheres em condição menor de influenciar as decisões."

O projeto enfrenta um cenário em que a desigualdade relacionada ao gênero está presente tanto na disparidade da quantidade de homens e mulheres em diferentes disciplinas científicas, quanto na baixa representação de mulheres em posições de posições de liderança em instituições de pesquisa e em colaborações internacionais. Desse modo, barreiras culturais e institucionais estão no caminho de mulheres que seguem carreira na área de CT&I.

Apesar disso, a questão de gênero ainda é pouco abordada no conteúdo de Pesquisa e Inovação (P&I) e de cooperações internacionais, principalmente em países em desenvolvimento. A cientista política observa como esta realidade motivou a realização do projeto: "O tema de gênero e inserção das mulheres na área de CT&I não era discutido como tema de pesquisa e, também, um levantamento de acordos internacionais mostrou que poucas mulheres participavam dos processos de definição das regras internacionais que produziam políticas que as afetavam diretamente". Como cientista, Onuki reconhece ainda os desafios enfrentados em sua própria carreira, seja na dificuldade de obtenção de financiamento para pesquisas ou na falta de credibilidade diante de colegas na aquisição de posições de liderança, por exemplo. Às jovens mulheres que desejam seguir o mesmo caminho, recomenda: "O conselho que eu dou é para serem firmes, buscarem fazer o que gostam sempre, ir atrás das oportunidades".

O cenário, contudo, vem se transformando, quanto mais se considera a questão de inclusividade em diálogos internacionais. Para a professora, houve avanços significativos no

cenário de igualdade de gênero em CT&I, principalmente em função da pressão de pesquisadoras que começaram a levantar o debate em nível global. "Mas ainda temos desafios que dizem respeito, sobretudo, às políticas públicas, à inclusão do tema em acordos internacionais e, consequentemente, na melhoria deste índice de participação nas diversas instituições", acrescenta. Para Onuki, há uma percepção cada vez maior sobre a relevância da diversidade, à medida em que se entende que "diferentes pessoas têm visões, formação e interpretações distintas que podem contribuir com a melhoria do design da pesquisa, contemplando aspectos não vistos anteriormente, que podem melhorar as possibilidades de aplicação para a sociedade".

Para além da produção acadêmica sobre o tema, o GENDER STI tem o objetivo de interagir diretamente com as instituições de CT&I em cada um dos 16 países envolvidos. A sua realização se dá a partir de três objetivos principais: a igualdade de gênero nas carreiras científicas, o equilíbrio de gênero na tomada de decisões e a integração da dimensão de gênero no conteúdo de P&I. O desenvolvimento do projeto inclui seminários, discussões entre as equipes de pesquisa para análise comparada dos dados, reuniões multidisciplinares, e entrevistas com lideranças de CT&I. A partir dos dados coletados, os pesquisadores buscam discutir sobre o tema e sobre as iniciativas institucionais que têm sido feitas, para criar formas de proposição de políticas em gênero e CT&I.

Segundo a cientista política, as soluções precisam ser implementadas em uma articulação com as instituições promotoras de políticas públicas. "Se houver uma articulação com o Governo de Estado e atores sociais e empresariais, os resultados das pesquisas podem ter impacto direto na formulação de políticas científicas e de inovação, à medida que estas instituições considerem os dados gerados no processo de tomada de decisão".

No Brasil, a proposta é criar um Observatório de Gênero em CT&I, ligado à Universidade de São Paulo (USP), para monitorar as instituições e suas políticas nesta agenda, nos moldes do atual Observatório Europeu de Gênero em Ciência, Tecnologia e Inovação. O projeto busca uma articulação com a Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação do Governo do Estado de São Paulo.

Segundo a pesquisadora, o projeto coordenado pela USP no Brasil colhe os benefícios de uma cooperação internacional que oferece uma visão geral do tema ao redor do mundo e a percepção do quanto ainda temos de avançar no Brasil. "Conhecer outros modelos de instituições e políticas institucionais que têm avançado na maior inclusão de gênero torna-se um elemento importante, de inspiração, mas sobretudo um estudo de caso que nos incentiva a discutir o tema aqui", afirma.

O projeto coordenado no Brasil colhe os benefícios mútuos que vêm de uma cooperação internacional a qual, segundo a pesquisadora, "permite ter uma visão geral do tema ao redor do mundo, e a percepção do quanto ainda temos de avançar no Brasil. Conhecer outros modelos de instituições e políticas institucionais que têm avançado na maior inclusão de gênero torna-se um elemento importante, de inspiração, mas sobretudo um estudo de caso que nos incentiva a discutir o tema aqui".

Para além do âmbito das políticas públicas, Onuki chama a atenção para o caráter fundamental da disseminação dos conhecimentos gerados por projetos como esse à sociedade e a sua integração nas discussões: "É a atividade de divulgação científica que traduz o

conhecimento científico e transforma em linguagem que permite nos aproximarmos do grande público, para ter seu apoio e para que os resultados tenham impacto mais direto nos cidadãos."

Em suma, iniciativas como o Gender STI pretendem contribuir para que a palavra "cientista" seja imaginada também como *substantivo feminino*.

Se você se interessou pelo tema, você pode visitar o site do observatório europeu em GENDER STI para saber mais sobre as informações e as publicações do projeto e acessar este link para ler a entrevista com a pesquisadora Janina Onuki na íntegra.

Gender STI

UMA SÍNTESE

ÁREAS-CHAVE DE PESQUISA

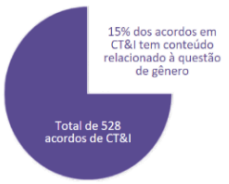
- A IGUALDADE DE GÊNERO NAS CARREIRAS CIENTÍFICAS
- O EQUILÍBRIO DE GÊNERO NA TOMADA DE DECISÕES
- A INTEGRAÇÃO DA DIMENSÃO DE GÊNERO NO CONTEÚDO DE P&I

A DESIGUALDADE EM NÚMEROS

Mulheres representam **33,3%** de todos os pesquisadores no mundo e apenas 12% delas são membros de academias científicas nacionais.

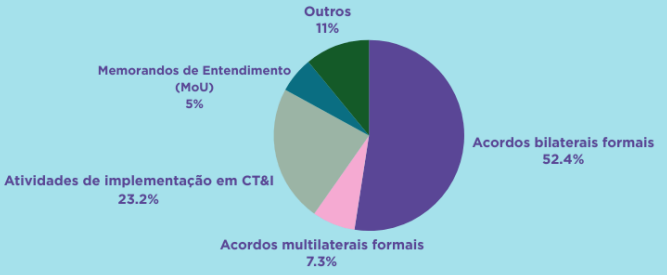


Nas áreas de tecnologia e inovação o número cai ainda mais: elas são apenas **uma em cada cinco** profissionais.



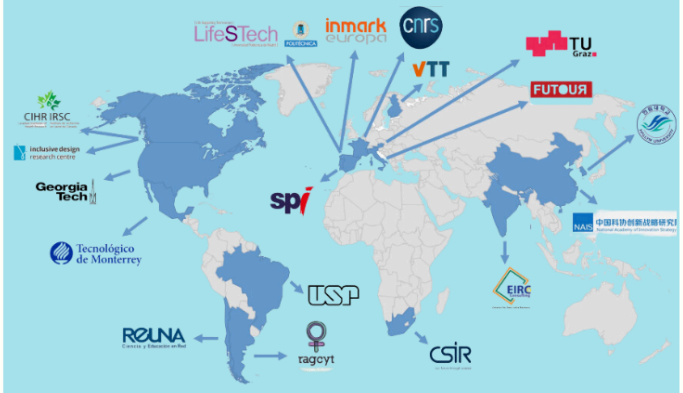
Conteúdo dos acordos: Igualdade de gênero, participação feminina, promoção de talento feminino, interseccionalidade e inclusão

ACORDOS EM CT&I



PARCERIA INTERNACIONAL

O projeto GENDER STI foca sua análise em como a questão de gênero é tratada em acordos internacionais na área de CT&I entre as instituições de países membros da **União Europeia** e de um conjunto selecionados de países – **Canadá, Estados Unidos, México, Brasil, Chile, Argentina, África do Sul, Índia, Coréia do Sul e China.**



Fonte: Advancing gender equality in STI dialogues: Gender STI findings and results. Final Conference, 2023. Yolanda Ursa (INMARK).